

“DO HUMANO AO PÓS-HUMANO”:
POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIA CONCRETA DO CRISTIANISMO
MEDIANTE A RELAÇÃO TRABALHO – TRANSCENDÊNCIA

Ricardo Santos Ribeiro()*

RESUMO

O trabalho é inerente ao ser humano. Por seu intermédio a natureza é transformada e os aspectos culturais estruturados ao longo da história. Ademais, possibilita a convivência com outras pessoas. Numa perspectiva de cunho mais primário – satisfação das necessidades – é por meio dele que homens e mulheres obtêm as condições de sobrevivência.

Enquanto componente antropológico, o trabalho transforma-se ao longo dos tempos. Transformação que tende a ser contínua. Assim, nas sociedades tradicionais ele tinha as seguintes características, dentre outras: laços de solidariedade e parentesco entre os trabalhadores, e quase ausência de tecnologia. Na modernidade, em decorrência do advento do capitalismo, recebeu nova formatação, principalmente com a divisão social do trabalho e a inserção das máquinas para otimização da produção.

Também no mundo bíblico o trabalho tem seu destaque e é possível perceber mutações principalmente na passagem do regime tribal para a monarquia do povo de Israel. Já no relato do Gênesis, Deus fez referência ao ser humano e ao trabalho.

Diante da sua importância para as pessoas e considerando a constituição integral delas – dimensão física e espiritual – surge o seguinte questionamento: como o trabalho poderia contribuir para a concretude do cristianismo no que concerne à vivência da transcendência nos tempos atuais? A partir desse pergunta norteadora pretende-se intuir sobre possibilidades de viver a transcendência em relação a Deus e ao próximo por intermédio do trabalho.

(*) Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. ricardosantos@uai.com.br.

A comunicação resulta de pesquisa exploratória de caráter bibliográfico. Num primeiro momento discute-se o tema trabalho. Num segundo, aspectos da transcendência. Por fim, explicita-se a relação entre trabalho e transcendência na perspectiva do cristianismo no mundo ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Transcendência. Cristianismo.

INTRODUÇÃO

O trabalho faz parte da essência humana. Por intermédio dele a natureza é apropriada e transformada. É pela atividade laboral que a espécie humana se perpetua. Ademais ele tem importância para as relações entre as pessoas.

Ao longo do tempo ele sofreu mutações que impactaram o modo de vida do ser humano. Isto pode ser constatado principalmente nos modos de produção. Assim, na produção primitiva comunal predominavam a liberdade humana e as trocas simples. No feudalismo as pessoas passaram à condição de servas e dependentes dos senhores feudais. No capitalismo o ser humano, passou a ser assalariado, mas perdeu suas propriedades. Essas passaram aos capitalistas.

Quanto à transcendência urge abordar seu caráter relacional com Deus, mas não apenas num movimento vertical, mas, sobretudo horizontal, como foi ensinado por Jesus Cristo, quando disse que os cuidados com o próximo são cuidados para com ele próprio.

Diante destes posicionamentos introdutórios faz-se o seguinte questionamento: como o trabalho poderia contribuir para a concretude do cristianismo no que concerne à vivência da transcendência nos tempos atuais? A partir desse pergunta norteadora pretende-se intuir sobre possibilidades de viver a transcendência em relação a Deus e ao próximo por intermédio do trabalho.

Para concretizar a comunicação, primeiramente discute-se brevemente o tema trabalho como meio fomentador de relações interpessoais e com a própria natureza. Em seguida enfatiza-se a transcendência para além do aspecto religioso institucional. Por fim, aborda-se o trabalho como instrumento para a transcendência cristã.

1 TRABALHO COMO MEIO DE RELAÇÃO

Nesta parte serão discutidos aspectos relacionados à ação laboral de Deus e do ser humano. Em seguida abordar-se-á a evolução da organização do trabalho fixando nos modelos mais recentes com destaque para a revolução tecnológica, a produção e o trabalho imaterial.

1.1 TRABALHO DE DEUS E TRABALHO DO SER HUMANO

O relato da Criação diz que Deus em seis dias criou diversos elementos da natureza e também o ser humano. Explicita que a cada etapa da criação ele afirmou que “era boa”. Após os seis dias de atividade criadora ele descansou. Tem-se, assim, que o próprio Deus trabalhou.

Está registrado em Genesis que Deus plantou um jardim e nele colocou o homem o qual modelara com massa de terra, e deu-lhe uma missão: “cultivar” e “guardar” o jardim de Éden. Nessa passagem bíblica tem-se uma atividade laboral dada por Deus ao ser humano o qual deveria executar. Analisando o contexto bíblico, cuidar e guardar o jardim eram um trabalho, que pode se dizer, agradável.

Continuando na leitura do Gênesis depara-se com o pecado de Adão e Eva e a consequente expulsão deles do jardim. Com referência a Adão, Iahweh proferiu a seguinte sentença: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás.” (Gênesis 3.19). No verso 23 prossegue o relato: “E Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado.”

Nessas passagens Deus se manifesta sobre o trabalho humano. Na primeira têm-se condições favoráveis para executar a atividade laborativa. Enquanto na segunda são elas mais difíceis. Não se deseja, ao explicitar esses relatos, relacionar pecado com trabalho sofrido. Ou dizer que o trabalho penoso é castigo de Deus. Uma discussão nesse sentido levaria a equívocos. Anela-se com as exposições desses pontos explicitar que numa perspectiva bíblica o trabalho é algo que começou com Deus e que foi repassado ao ser humano.

O trabalho que estava numa perspectiva divina é compartilhado com o homem e assim passa a ser também antropológico. Ela entra na dimensão histórica. É instrumento para construí-la.

No Novo Testamento, portanto numa perspectiva cristã, Jesus – revelação máxima de Deus – está sempre trabalhando, pois ele recebeu uma missão do Pai. Em João 5, 17 tem-se o seguinte: “Mas Jesus respondeu: ‘Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho’.”

O ser humano, ao receber a missão de trabalhar como Deus trabalhou e trabalha, recebeu também a condição de participar da criação que ainda está em andamento. Em Jesus,

que é totalmente humano e totalmente Deus, tem-se a síntese de que o trabalho tem dimensão divina e humana e que objetiva à edificação.

Como visto, o trabalho, que é teológico e passou ao humano para edificação, em muitas situações é maculado, assim como a imagem de Deus foi embaçada no homem e na mulher. Nos próprios relatos bíblicos temos situações, por exemplo, de escravidão, tanto no Novo, quanto no Antigo Testamento. Quando Deus decide criar o ser humano não lhe concede o poder de dominar sobre o outro igual a si, mas aos demais animais conforme Gênesis 1, 26. Ademais esta dominação não significa exploração e degradação da criação.

1.2 MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O trabalho consiste na apropriação e transformação da natureza mediante a intervenção humana – física e mental – com o fito principal de perpetuar a espécie. É algo que se realiza em benefício próprio e de outros.

O trabalho tem se organizado ao longo da história da humanidade. À medida que o homem e a mulher foram abandonando o nomadismo e fixando em regiões, a forma de trabalhar também foi se transformando. Inicialmente era realizado nos grupos comunais de maneira simples e extrativista, posteriormente assumiu as formas servil e escravista até chegar ao assalariamento do trabalhador no modo de produção capitalista.

Na Antiguidade grega entendia-se que o trabalho não tinha condições de alterar a vida das pessoas em particular e a sociedade no geral. Não tinha, portanto caráter prático, isso somente era possível pela “ação política discursiva” (SANSON, 2010, p. 8). Essa concepção do trabalho permaneceu na Idade Média até à Revolução Industrial. O ato de trabalhar não era valorizado, pois o destaque estava no exercício das artes militares que eram executadas pelos senhores feudais. Quem trabalhava era o servo para sustentar o feudo.

A desvalorização do trabalho e consequente desqualificação do trabalhador podem ser explicadas parcialmente pelo exercício hermenêutico que a Cristandade fez da narrativa da Criação, na qual o trabalho foi interpretado como punição do ser humano pelo cometimento do pecado original. No entanto Agostinho não concebeu o trabalho por esse ângulo, mas como livre exercício para “louvar a Deus”. (SANSON, 2010, p. 9).

Tomás de Aquino por sua vez contribuiu teologicamente para que o trabalho e o trabalhador fossem valorizados. “Na cosmovisão teológica de mundo [de Tomás de Aquino], o trabalho não precisa ser necessariamente expiação, mas pode assumir um caráter de contemplação e até mesmo de reconhecimento.” (SANSON, 2010, p. 9).

Com o advento da Reforma Protestante o trabalho passou a ser valorizado inclusive na perspectiva teológica. O conceito de trabalho sofreu modificações por Lutero com a introdução do termo “vocação”. Assim, não era apenas uma atividade laboral em si ou uma profissão, mas um chamado “que o homem deve aceitar como uma ordem divina, à qual deveria se adaptar.” (WEBER, 2003, p. 71).

Weber (2003, p. 72-73) afirmou que: “embora a Reforma seja impensável sem o desenvolvimento religioso pessoal de Lutero, e embora tenha sido amplamente influenciada por sua personalidade, sem o calvinismo seu trabalho não teria tido um sucesso permanente e concreto.” (WEBER, 2003, p.72, 73).

Assim, o dogma calvinista da predestinação contribuiu para essa valorização. Trabalhar e acumular bens eram uma forma de louvar a Deus e possivelmente um indicativo da salvação. Weber (2003, p. 85) afirma que “o trabalho promove a glória de Deus, é, portanto por Ele desejado”. A ociosidade foi negada (negócio). O tempo não poderia ser gasto em prazeres, diversões ou conversas sem proveito, mas em atividades laborais úteis. A preguiça era algo que desagradava a Deus e condenada por este. Essa concepção do trabalho constituiu uma ética protestante que contribuiu para as empreitadas capitalistas.

Com a revolução industrial surgiu a sociedade industrial, mas que isso, surgiu a sociedade do trabalho. Assim, esse “foi elevado à condição de centro organizador da vida individual e coletiva.” (SANSON, 2010, p. 8).

No modo de produção capitalista a organização do trabalho está em constante transformação. Diversos sistemas organizacionais do trabalho tiveram seus destaques no decorrer da história. Inicialmente houve o taylorismo que basicamente especificou ao máximo as tarefas a serem executadas pelos trabalhadores. Esses atuavam de forma repetitiva com preocupação em diminuir o tempo de sua tarefa que era cronometrada.

O fordismo foi uma evolução do taylorismo com aplicação de inovações das quais se destaca a linha de montagem.

Ao longo dessa linha, as diversas atividades de trabalho aplicadas à transformação das matérias-primas ou insumos, foram distribuídas entre vários operários fixos em seus postos, após terem sido suas intervenções subdivididas em tarefas cujo grau de complexidade foi elevado ao extremo da simplicidade. (PINTO, 2007, p. 42).

Outro sistema que foi implantado no capitalismo foi o toyotismo, principalmente em decorrência da obsolescência do taylorismo-fordismo. Nesse sistema se inaugurou o emprego de um trabalhador para diversas máquinas, diversamente do que vinha sendo feito no taylorismo-fordismo. Essa complexidade aumentou quando as máquinas operadas pelo mesmo trabalhador tinham funções diferentes, o que exigia maior conhecimento e

treinamento daquele que ocupasse a função múltipla. Se no taylorismo havia uma exacerbada especialização, no toyotismo houve uma “desespecialização” (PINTO, 2007, p. 74 – 77).

Nessa transformação dos processos produtivos e laborais, a Revolução Industrial em sua vertente tecnológica tem importância singular. Se na primeira fase da revolução o trabalhador era subordinado às máquinas, com a introdução das tecnologias da informação houve uma interação entre trabalhador e máquina, o que valoriza o trabalho executado. Para isso exige-se que o trabalhador tenha conhecimento e seja capaz de incorporá-lo ao processo produtivo. A premissa básica é que conhecimento deve gerar conhecimento. (SANSON, 2010, p. 30 – 33).

Assim, “um novo modo produtivo começou está surgindo: o modo produtivo informacional e as NTIC [Novas Tecnologias da Comunicação e Informação] estão no cerne dessa transformação. Criou-se uma nova linguagem: a linguagem digital que está revolucionando a sociedade.” (SANSON, 2010, p. 31).

Com a revolução tecnológica há uma produção imaterial e um trabalho imaterial que estão centrados no conhecimento. Já é discutível se o valor da mercadoria está exclusivamente na quantidade de trabalho empregado para sua produção. Nesse sentido, Gorz (2005, p. 29) citado por Sanson (2010, p. 29) afirma que “o valor de troca das mercadorias, sejam ou não materiais, não é mais determinado em última análise pela quantidade de trabalho social geral que elas contêm, mas, principalmente, pelo seu conteúdo de conhecimentos, informações, de inteligências gerais.”

A forma imaterial de trabalho exige que haja uma simbiose entre a pessoa e a máquina. “Dessa forma, o operário é companheiro da máquina numa jornada infinita de potencialidades da melhora do seu desempenho produtivo.” (SANSON, 2010, p. 50).

Essa simbiose tem duas dimensões. Uma ocorre para benefício do próprio processo produtivo onde as máquinas são aperfeiçoadas e os conhecimentos humanos aumentados. Isso leva à potencialização da produção, daí pode decorrer a outra dimensão da simbiose que é a produção de próteses e tecnologias que são incorporadas às pessoas em decorrências de deficiências do organismo humano (doenças e acidentes) ou até mesmo por razões estéticas. No âmbito dessa produção e desse trabalho imaterial as pessoas individualmente ou a própria humanidade tendem a ser um ser híbrido. Isso é, um “superorganismo híbrido, feito de seres humanos, máquinas e redes de informação. Destarte se forma a articulação do biológico, do mecânico e do eletrônico que constituem a base de nossas sociedades atuais.” (BOFF, 1999, p. 94). Isso é típico do pós-humano.

A relação entre ser humano e máquinas inteligentes fomenta a expansão de uma grande rede de informações que cobre praticamente todos os setores da realidade. Portanto, influenciará cada vez mais na forma de expressar, comunicar, ensinar e aprender (SANTAELLA, 2007, p. 128). E também na forma de trabalhar que é imanente ao homem.

2 TRANSCEDÊNCIA PARA ALÉM DO RELIGIOSO INSTITUCIONAL

Quando se fala em transcendência normalmente o acento recai sobre a perspectiva religiosa. Assim, transcendência remete para a dimensão onde a divindade está que evidentemente é um lugar separado do ser não divino. Isto pode ser representado numa dicotomia terra-céu. Terra enquanto o local do ser criado e céu locus do Criador. Esta relação básica é encontrada em praticamente todas as religiões. Portanto, transcendência é o que está além do ser criado. Mediante ritos busca-se acessar pelo menos parcialmente essa transcendência que poderia ser chamada de verticalizada – da terra para o céu. Para Boff (2000, p. 30) a “transcendência não tem nada a ver com as religiões, embora elas procurem monopolizar a transcendência.”

Além do significado religioso vertical, transcendência também é encontrada na ambiência filosófica. Nesse aspecto ela carrega em si o sentido de superação, de extrapolação dos pontos de referências, de sair do cercamento. É o oposto de imanência que caracteriza uma realidade que se fecha sobre si, “esgotando nela todo o seu ser e o seu agir”. (TORRALBA ROSELLÓ, S/D, p. 3).

Para Boff (2000, p. 22 – 24) a transcendência é uma dimensão intrínseca das pessoas. Não há nenhum sistema que formate homens e mulheres, pois são seres de protestaço. São seres não enquadráveis. Há uma concordância entre esse posicionamento de Boff e o de Torralba Roselló (S/d, p. 3) quando esse último afirma que transcendência tem ligações com o substantivo transgressão e o verbo transitar. Ele assim refere-se à transcendência com quebra regras e saída do trivial. Quanto ao transitar entende que é o migrar rapidamente de um estado a outro, de uma ideia a outra, de um tema a outro.

A transcendência permite ou exige do ser humano estabelecer diversas relações que são efetivadas principalmente na relação dialógica com o outro. A medida que as pessoas transcendem elas se constroem. Portanto, no outro, existe algo do qual o mesmo necessita para sua integralização. O que falta ao mesmo encontra-se no outro. Há uma simbiose antropológica, pois em todas as relações as distintas partes são aquinhoadas, portanto não é algo unidirecional.

É só se comunicando, realizando essa transcendência concreta na comunicação, que o ser humano constrói a si mesmo. É só saindo de si, que fica em casa. É só dando de si, que recebe. Ele é um ser em potencialidade permanente. Então, o ser humano é um ser de abertura, um ser potencial, um ser utópico. Sonha para além daquilo que é dado e feito. E sempre acrescenta algo ao real. (BOFF, 2000, p. 36).

O pensamento de Torralba Roselló (S/d, p. 5) é coincidente com o de Boff, assim, afirma que transcender é “abrir-se ao tu e aos demais”. O ser humano por ser social necessita interagir: “sair do recinto de sua consciência”. É preciso ser permeável, “extrair e integrar, transferir emoções, conhecimentos e sensações, ou seja, fluxo vital”. Torralba Roselló refere-se ao “transcender o eu”. No entanto, ele vai além e explicita em seu trabalho outras maneiras de transcender: (a) o “transcender o presente” seja para o passado ou futuro; (b) “transcender os valores materiais” – abrindo à espiritualidade de forma a contrapor ao materialismo e ao consumismo; (c) “transcender o limite da morte” – perguntando-se pelo pós-morte apesar de ser assunto muito evitado; (d) “transcender as paixões” – implicando em dominar e controlar suas emoções, evidentemente que não se trata de extirpá-las pois elas integram o ser humano; (e) “transcender a banalidade” – penetrando as questões até sua essência e fugindo das superficialidades; (f) “transcender as próprias imagens de Deus” – portanto não ficar nas representações, pois isso leva à idolatria. (TORRALBA ROSELLÓ, S/D, p. 6 -8). Finalizando ele evoca o sentido religioso da transcendência:

Transcender é ter consciência da própria irrelevância como ser finito e abandonar-se totalmente a Deus. Este é, como se pode ver, o sentido mais religioso da palavra transcendência. Para dizê-lo com a linguagem dos santos, é colocar-se nas mãos de Deus, negar-se a si mesmo e aderir livremente, à vontade de Deus. (TORRALBA ROSELLÓ, S/D, p. 9).

Essa abrangência que Torralba Roselló dá à transcendência contribui para se pensar a relação entre trabalho e transcendência. Assim, urge lembrar a pergunta norteadora da presente comunicação: como o trabalho poderia contribuir para a concretude do cristianismo no que concerne à vivência da transcendência nos tempos atuais?

3 O TRABALHO COMO INSTRUMENTO PARA A TRANSCENDÊNCIA CRISTÃ

Como visto anteriormente o trabalho é um processo pelo qual o homem transforma a natureza e visa a perpetuação da sua espécie. No mundo capitalista, segundo o pensamento marxista, ele é o gerador de lucro para a classe capitalista. Por outro lado serve para o trabalhador se reproduzir e não desfaltar os postos de trabalho e também para que possa minimamente consumir o que é produzido.

O progresso tecnológico tem sido instrumento para alcançar a eficiência nos processos produtivos. Nesse sentido, tem havido uma interação entre máquina e ser humano que pode levar a posicionamentos opostos por parte dos trabalhadores que atuam na produção imaterial. Por um lado, este trabalhador que tem capital intelectual pode se considerar diferenciado e afastar dos demais trabalhadores, aproximando assim das “redes e circuitos de gerenciamento da empresa”. Esse seria um efeito negativo, que Sanson (2010, p. 51) aponta, mas por outro lado, a posição desses trabalhadores do conhecimento pode fortalecer outra dinâmica, “aquela que transmite empoderamento para os seus colegas.” Essa é a dimensão positiva.

Outra positividade do trabalho imaterial é a possibilidade de produção de tecnologias e produtos que possam beneficiar aqueles que têm algum tipo de carência. No entanto, tem-se aí um problema, pois o acesso aos produtos no mundo capitalista somente é possível para aquele que está na ambiência do mercado e para isso é preciso tem condições de adquirir. Caso contrário está alijado das relações mercadológicas. Esse é um paradoxo que precisa ser desafiado e vencido com alternativas mais fraternas.

A fraternidade, ou mais enfaticamente, o amor constitui o ponto central da mensagem de Cristo, portanto do cristianismo. Os dois mandamentos centrais dessa religião são, conforme Mateus 22, 38 – 39:

a) Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o espírito.

Este é o primeiro e o maior dos mandamentos.

b) Amar o próximo com a si mesmo.

Esse é o segundo mandamento e é semelhante ao primeiro.

Esses mandamentos foram ensinados por Jesus que concluiu que deles dependem toda a Lei e os Profetas. Portanto, sem a observância desses dois mandamentos centrais a Lei e os Profetas não teriam sentido.

Numa perspectiva escatológica, Jesus ensinou sobre a sua volta destacando os cuidados que os crentes devem ter para com o próximo:

Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebi por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer. Tive sede e me deste de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me’. Então os justos lhes responderão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. (MATEUS, 25, 34 – 40).

O trabalho pode ser um meio para efetivar a transcendência, primeiramente horizontal e depois vertical. A horizontal na medida em que pode ser usado em prol do próximo. Como diz o ensinamento de Jesus essa transcendência leva à vertical que é a relação com Deus. Portanto, o trabalho antes de qualquer manifestação, de qualquer ideologização, antes de ser um meio de sobrevivência própria ele tem uma característica intrínseca que é a possibilidade de estabelecer vínculos fraternos.

Quando alguém produz algo há que se ter em mente que o produto ou serviço é para o outro. E na perspectiva do trabalho imaterial, nesse produto vai o conhecimento de quem o produziu. No entanto, não é apenas isso, pois além do conhecimento, também os sentimentos e emoções do trabalhador migram para aquele que adquiriu. Isso contrapõe a mera aquisição de algo para ser consumido.

Produzir por produzir. Produzir sem ter em mente que o trabalho é um instrumento para a transcendência é produzir de forma alienada, não apenas na concepção marxista, mas na concepção cristã.

Boff (1999, p. 92 - 97) aponta dois “modos de ser-no-mundo”: o trabalho e o cuidado. Quanto ao trabalho este é usado para dominar sobre as coisas e controlá-las ficando a serviço dos interesses pessoais e coletivos. O autor explicita que se vive a ditadura do “modo-de-trabalho”.

O “modo-de-ser-cuidado” refere-se ao cuidado a que se deve ter não apenas com o próximo, mas com toda a criação, isto é consentâneo com o ensinamento de Cristo. O cuidado é uma forma de transcendência em relação ao outro e em relação a Deus.

Para Boff (1999, p. 95) “o cuidado não se opõe ao trabalho, mas lhe confere uma tonalidade diferente.” Assim, infere-se que o trabalho pelo “modo-de-ser-cuidado” pode ser mais humanizado. A própria natureza não é vista com simples objeto.

Quanto ao maquinismo que é típico do pós-humano, Boff (1999, p. 99) afirmou que: há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, que é o “sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado.”

A transcendência, que é o sair dos parâmetros estabelecidos, tem que agregar valores, tem que levar à práxis para mudança para o bem, tem que fomentar vivência ética, pois do contrário, como diz Boff (2000, p. 54 - 57) será apenas um pseudotranscendência como o uso da droga, que apenas aliena e degrada mais ainda.

Por fim, Boff (2000, p. 77 – 78) propõe que:

A experiência que o cristianismo traz não é propriamente a transcendência. Isso nos legaram gregos. A tradição judeu-cristã fala em transdescendência. Somos convidados não apenas a superar e a voar para cima, mas, fundamentalmente

a descer e a buscar o chão. A experiência que o cristianismo procura articular e comunicar é essa: o Deus, que circunda toda a realidade, emergiu do mais pobre. Nasceu no meio de animais, se identificou com o crucificado, se fez esmoler para conseguir o amor de cada um e para eliminar as distâncias entre os seres humanos, se fez o último dos homens.

CONSIDERAIS FINAIS

O trabalho é imanente ao ser humano, assim como a transcendência o é. Eles são intercambiáveis. O trabalho leva à transcendência e esta, por sua vez, conduz a atividade laboral a um nível mais elevado que não apenas o da produção.

O trabalho nessa dimensão glorifica a Deus não como foi proposto no calvinismo, mas vai além desse dogma. Pelo trabalho o ser humano se completa quando interage com o outro e com a natureza na sua totalidade. Assim, interage com Deus.

A produção e o trabalho imaterial que é próprio do pós-humano, pode ajudar na transcendência, desde que procure ver no rosto do outro a imagem de Deus, conforme explicitado no Gênesis.

Trabalhar na perspectiva transcendente contribui para se cumprir os dois mandamentos centrais. Fazendo-se ao próximo se faz a Deus. Ao próximo tem-se a transcendência horizontal. A Deus, a transcendência vertical. Isso é relevante, pois a filiação a Deus, não teria sentido se não houvesse a irmandade entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém. A.T. **Gênesis**. São Paulo: Paulus, 1998. Cap. 1, 2, 3, p. 33 – 39.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20**: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, p. 2007.

SANSON, Cesar. **Trabalho e subjetividade**: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Cadernos IHU, n. 32. 2010.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano – por quê? **Revista USP**. São Paulo, n. 74. p. 126 – 137, jun/ago. 2007.

TORRALBA ROSELLÓ, Francesc. **Educar para a transcendência**. Barcelona: Universidade Ramón Llull. S/d. <
http://www.lestonnac.org/web_congres/pdf/torralba_portu.pdf > acesso em 5 set. 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.